



## **A EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: POSSIBILIDADES DURANTE UMA OFICINA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Nicolas Bernardo Matos <sup>1</sup>  
Alessandra Gomes de Sales Hirsch <sup>2</sup>  
João Rodrigo Santos da Silva <sup>3</sup>

A participação em projetos que constroem uma identidade docente que vincule prática e teoria é de suma importância, para isto o Programa de Residência Pedagógica (PRP) se põe como articulador de tal processo. Ao considerarmos que a formação inicial de professores deve perfazer ações em todas as modalidades de ensino, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI)<sup>4</sup> deve ser incluída e ressaltada, dada as problemáticas a ela associada.

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos é apenas caracterizada como modalidade educacional com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.964 de 1996 (LDB). A lei dispõe em seu artigo 37 que a educação de jovens e adultos é um dispositivo que oportuniza aos estudantes que não puderam estudar na idade própria o retorno à escola (BRASIL, 1996). A partir dali, formalmente reconhecida e instituída, seu projeto “deve promover o pleno desenvolvimento da pessoa” (JULIÃO; BEIRAL, FERRARI, 2017, p. 44), ou seja, não apenas limitar-se a um processo de alfabetização mecânica, mas que propicie o exercício da cidadania plena, fomentando criticidade em suas análises da realidade e que considere suas percepções e vivências.

Ainda que a LDB e normativas posteriores corroborem e ampliem os objetivos e particularidades da EJAI, deve ser ressaltado que tais conquistas são ameaçadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Isso ocorre porque a BNCC, enquanto proposta de normatização da aprendizagem, não traz nenhuma diretriz para os estudantes na EJAI. Assim, dado o significativo impacto desta exclusão, tal modalidade fica à mercê políticas pedagógicas estaduais, municipais, do delineamento nos projetos político-pedagógicos das escolas e na elaboração do plano de ensino de cada educador (DOURADO *et al.*, 2021).

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Federal do ABC - SP, nicolas.m@aluno.ufabc.edu.br;

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Mestranda em Ensino e História das Ciências e da Matemática pela Universidade Federal do ABC - SP, agbiologa2014@gmail.com;

<sup>3</sup> Doutor em Ensino de Botânica pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto da Universidade Federal do ABC - SP, joao.rodrigo@ufabc.edu.br.

<sup>4</sup> Neste trabalho, considerando que o direito ao acesso e continuidade à Educação é assegurado pelo Estado ao longo de toda a vida, utiliza-se o termo EJAI para trazer visibilidade aos idosos (BARROS *et al.*, 2021).



Com tais carências impostas e com o aumento da exclusão de jovens adultos da educação, práticas formativas que busquem “(re)conhecer a trajetória desses sujeitos, compreendendo contextos não escolares, cotidianos e históricos mais amplos [...] para promover a aprendizagem escolar” (MOREIRA, FERREIRA, 2011, p. 605) deve vigorar como balizadoras em qualquer processo de ensino, mas sobretudo para o contexto da EJAI.

Considerando isso, a realização de oficinas se demonstra uma metodologia significativa para se conhecer dialogicamente a história individual dos alunos, fomentar uma análise de sua realidade e apresentar conhecimentos conceituais, pois conforme Demoly e Santos (2018) elas permitem aos participantes refletirem sobre si mesmos, de modo crítico, coletivo e mediado, sendo então um recurso valioso a ser incluído no planejamento didático.

Ademais, é necessária a estimulação da participação e interesse dos estudantes em assuntos próprios da biologia, contemplando questões da cotidianidade com assertividade e brevidade em razão do ano letivo ser restrito a um semestre (GEGLIO; SANTOS, 2011) e comprometida com temáticas transversais a ciência e sociedade (MOREIRA; FERREIRA, 2011). Deste modo, realizar uma oficina sobre educação ambiental coloca-se como em primeira ordem pela multiplicidade de fatores envolvidos, como o fenômeno corrente da globalização se dá simultaneamente com agressões a vida e seu ambiente (RATTO; HENNING; ANDREOLA, 2017), as influências ideológicas e culturais na compreensão do mundo natural e das relações dos seres humanos neste espaço (REIGOTA, 2010), a urgente superação dos dualismos conceituais e do fetichismo com a atribuição de responsabilidades individuais frente aos problemas socioambientais (LOUREIRO, 2006), bem como as relações com a vida no campo que atravessa diversas histórias de vida de migrantes nacionais.

Este trabalho pretende apresentar um relato de experiência que busca explicar e descrever de forma paradigmática (i.e., apresentar proposições gerais e comuns de uma mesma situação a diferentes indivíduos) e, de forma narrativa (i.e., enfatizando e exibindo as singularidades da situação) - consoante Rabelo (2011), a aplicação de uma oficina de educação ambiental desenvolvida por graduandos de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) com estudantes do 1º Termo da EJAI do período noturno em uma escola pública paulista vinculada ao PRP fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Compreendendo perfazer os objetivos de “aperfeiçoar a formação dos discentes dos cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos [...] [e] exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente” (BRASIL, 2018, p. 1), os discentes integrantes do núcleo de ciências e biologia do PRP de uma IFES paulista adaptaram,

elaboraram e realizaram uma proposta de intervenção com o acompanhamento da professora efetiva da unidade escolar e do docente universitário responsável pelas atividades.

Essa proposta se deu embasada nas oficinas de Demoly e Santos (2018) e foi ajustada para integração à realidade da escola. Através de 7 questões disparadoras, cada uma com seus objetivos, os residentes e a preceptora buscaram construir uma conversa mediada sobre as concepções prévias da classe com o intento de inserir conceitos de educação ambiental. E, ao final, a produção de um texto livre sobre a experiência particular naquela oficina.

Inicialmente, os 9 estudantes da EJAI foram convidados a saírem da sala de aula e, por 15 minutos, observarem os espaços verdes da escola (e.g., horta, espiral de permacultura, árvores). Depois, todos se reuniram em um espaço com mesas circulares localizadas em uma área gramada e questionados acerca de quais percepções ou memórias puderam ser evocadas naquele curto tempo.

Na sequência, sem expor diretamente os objetivos de cada questão disparadora, os residentes foram introduzindo sequencialmente as perguntas: Quem eu sou? - para provocar uma reflexão do papel individual na sociedade e compreender como é percepção de quem eles são no cotidiano -; Até onde nos reconhecemos na natureza? - para ampliar olhares sobre o nosso papel no ecossistema -; O que é meio ambiente? - para refletir sobre o meio ambiente, o que ele é, qual sua importância e esquematizar esses conceitos -; Como é o ritmo e o modo de vida nosso? - para questionar criticamente sobre como nossas vidas impactam o mundo e explicitar o grau de responsabilidade das grandes companhias de capital -; Como vivemos e dialogamos com o meio ambiente? - analisar criticamente o ritmo atual da vida humana e a degradação do meio ambiente -; O que nós fazemos ou não pela natureza? - dialogar sobre as implicações, negativas ou positivas, das ações humanas individuais e empresariais na natureza -; Quais as mudanças e transformações que projetos de educação ambiental podem desencadear em nossos modos de relação com o meio ambiente? - compreender como a atividade impactou e ampliou as percepções sobre o meio ambiente -; O que se faz necessário para continuar este projeto fora da escola? - visando integrar a sala de aula/escola com a comunidade.

E, após essa atividade dialogada, foi incentivado o registro individual por escrito em formato textual livre nos 15 minutos finais, com o intuito de propiciar a eles um momento pessoal de análise e reflexão crítica sobre as exposições que fizeram e com as percepções e vivências de seus colegas que os atravessaram, sendo ressaltado o caráter formativo e não avaliativo da intervenção.

Dado acompanhamento semanal dos residentes e o quantitativo baixo de estudantes, o entrosamento e a participação puderam ser evidenciados, visto que todos os jovens, adultos e

idosos - ainda que em graus variados de expressão - expuseram suas concepções e histórias espontaneamente. Por vezes, partilhando vivências relativas a memórias familiares quanto ao ambiente agrícola, a migração pessoal ou dos genitores do interior para regiões metropolitanas, relatos sobre queda ou poda de árvores na comunidade, as ações particulares com relativas ao apreço pelo meio natural e as percepções sobre os impactos ambientais das grandes corporações extrativistas ou de produção. Deste modo, resguardando eticamente expressões personalíssimas e indicando falas que atravessaram dois ou mais estudantes, observa-se implicações positivas de turmas pequenas e a presença regular dos professores em formação inicial (AMORIM; AZEVEDO, 2017)

Enquanto proposta realizada por licenciandos de ciências biológicas, a oficina em educação ambiental por estar na perspectiva de escutar e compreender a trajetória de vida dos estudantes e suas percepções da realidade possibilitou de forma imediata o embasamento para algumas reconstruções das noções da responsabilidade ambiental individual *versus* das grandes empresas e uma ampliação dos conceitos sobre as interações seres humano-seres vivos-meio ambiente e, em prospecto, o enriquecimento de propostas de ensino e das mediações para aprendizagem, privilegiando ações ancoradas nas histórias de vida partilhadas e o fomento de uma proatividade dos direitos e deveres dos mesmos, enquanto cidadãos (VAL *et al.*, 2021). Demonstrando a necessidade intrínseca de práticas docentes vinculadas na realidade, articulando conhecimentos atitudinais e conceituais.

A construção de práticas dialógicas para a EJAI é fundamental para que possamos trazer o conhecimento científico dentro da realidade e do contexto dos/das estudantes. A partir do diálogo estabelecido pode-se criar um debate crítico da realidade e de como as questões ambientais estão mais próximas e dependem de diferentes sujeitos sociais. A ação também permitiu que estudantes em formação inicial pudessem aplicar e desenvolver em sala uma prática dialógica do conhecimento, favorecendo uma amplitude de experiências formativas para atuação futura.

**Palavras-chave:** EJAI; Ensino de Ciências e Biologia; Residência Pedagógica; Relato de Experiência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela cessão de bolsas ao Programa de Residência Pedagógica, Edital nº 23/2022.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, J. P.; AZEVEDO, J. As lições dos alunos: o futuro da educação antecipado por vozes de crianças e jovens. **Revista Portuguesa De Investigação Educacional**, v. 17, 2017. <https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2017.3434>
- BARROS, A. da S.X.; ALVES, T.P.; LUIZ, M.K. da S; SOUZA, E.B.G. A Educação no entardecer da vida. **Ensaio**, out. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-403620210002902496>
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 20 dez. 1996.
- BRASIL. Portaria GAB nº 38, de 28 de fevereiro de 2018. **Institui o Programa de Residência Pedagógica**. Brasília, DF, 28 fev. 2018.
- DEMOLY, K. R. A.; SANTOS, J. S. B. dos. Aprendizagem, Educação Ambiental e Escola: modos de en-agir na experiência de estudantes e professores. **Revista Ambiente & Sociedade**, v. 21, 2018. <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc0087r2vu18L1AO>.
- DOURADO, D. L. O.; ROCHA, A. K. L. T. .; MORAIS, C. B. de O.; BASTOS , M. de F. S. A. Direito à Educação: a invisibilidade da EJA na BNCC. **Revista de Políticas Públicas e Gestão Educacional (POLIGES)**, v. 2, n. 1, p. 203-220, 2021. <https://doi.org/10.22481/poliges.v2i1.8489>.
- JULIÃO, E. F.; BEIRAL, H. J. V.; FERRARI, G. M. As políticas de educação de Jovens e Adultos na atualidade como desdobramento da Constituição e da LDB. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação: Poiesis**, v. 11, n. 19, 2017. <https://doi.org/10.19177/prppge.v11e19201740-57>
- LOUREIRO, C. F. B. Crítica ao fetichismo da individualidade e aos dualismos na educação ambiental. **Educar em revista**, v. 27, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000100004>.
- MOREIRA, A. F.; FERREIRA, L. A. G. Abordagem temática e contextos de vida em uma prática educativa em ciências e biologia na EJA. **Ciência & Educação**, v. 17, n. 3, pp. 603-624, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132011000300006>
- RABELO, A.O. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 114, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000100011>.
- RATTO, C. G.; HENNING P.C.; ANDREOLA, B.A. Educação Ambiental e suas Urgências: a constituição de uma ética planetária. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 3, pp. 1019-1034, 2017. <https://doi.org/10.1590/2175-623659438>.
- REIGOTA, M. A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 2, pp. 539-533, mai.-ago. 2010.
- VAL, V. L. do; OLIVEIRA, A. P. L. de; SOUZA, M. A. de; CASTRO, M. A. C. D de. Relatos de histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos. **Sede de Ler**, v. 8, n. 1, pp. 31-43, 1 jun. 2021.